



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES DEPARTAMENTO
DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

IRISMAR FELIX DA SILVA

**O ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: REFLEXÕES SOBRE
NARRATIVAS DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA CIDADE DE
IGARACY-PB (2020/2021).**

**GUARABIRA-PB
2022**

IRISMAR FELIX DA SILVA

**O ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: REFLEXÕES SOBRE
NARRATIVAS DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA CIDADE DE
IGARACY-PB (2020/2021).**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Coordenação do
Curso de História da Universidade
Estadual da Paraíba, Campus
Guarabira, como requisito parcial a
obtenção do Título de Graduada em
História, sob orientação da
professora Dra. Luciana Calissi

Linha de Pesquisa: História, Ensino
e Currículo

**GUARABIRA–PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Irismar Felix da.

O ensino de história em tempos de pandemia [manuscrito] : Reflexões sobre narrativas de docentes da educação básica na cidade de Igaracy-PB (2020/2021) / Irismar Felix da Silva. - 2022. 21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Luciana Calissi, Departamento de História - CH."

1. Ensino Remoto Emergencial. 2. Ensino de história. 3. Escolas públicas. I. Título

21. ed. CDD 617.69

IRISMAR FELIX DA SILVA

O ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: REFLEXÕES SOBRE
NARRATIVAS DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA CIDADE DE
IGARACY-PB (2020/2021).

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado a
Coordenação do Curso de História
da Universidade Estadual da
Paraíba, Campus Guarabira, como
requisito parcial a obtenção do
Título de Graduada em História.

Linha de Pesquisa: História,
Ensino e Currículo

Trabalho apresentado e aprovado no dia 29/03/2022.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Luciana Calissi - Orientadora
(Universidade Estadual da Paraíba/DH)



Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno.
(Universidade Estadual da Paraíba/DH)



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas
(Universidade Estadual da Paraíba/DH)

Para minha querida irmã, Daiane Mikelly Felix da Silva (in memoriam), minha maior saudade e exemplo de força e determinação

-

[..] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com educando que, ao ser educado também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos. (FREIRE, 1981, P. 78)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. MUDANÇAS NO ENSINO DE HISTÓRIA	09
3. METODOLOGIA	11
4. RESULTADO E DISCUSSÕES	12
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS	19
APÊNDICE	21

O ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: REFLEXÕES SOBRE NARRATIVAS DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA CIDADE DE IGARACY-PB, NO PERÍODO DE 2020/2021.

IRISMAR FELIX DA SILVA¹

RESUMO

A pandemia do coronavírus [SARS-CoV-2] gerou alterações em diferentes segmentos sociais. No espaço pedagógico as escolas paralisaram atividades em execução, devido às orientações sanitárias e inúmeros dificuldades/problemas se apresentaram quando colocado em prática o ensino remoto emergencial (ERE). Neste sentido, a proposta central do presente trabalho é refletir sobre as mudanças abruptas ocorridas no processo de ensino de História a partir das condições impostas pela covid19 no ensino remoto, mais especificamente no ensino de história em escolas públicas Da cidade de Igaracy- PB. Pensando nisso, o presente artigo sistematiza conversas/diálogos de forma informal com professores dos quais tive contato durante minha passagem nos estágios observatórios, procurando analisar as estratégias, metodologias, formas de avaliação, dificuldades e desafios, conduzindo às reflexões sobre os efeitos da pandemia no ensino remoto de história.

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial. Ensino de História. Escolas Públicas.

ABSTRACT

The coronavirus [SARS-CoV-2] pandemic has generated changes in different social segments. In the pedagogical space, schools paralyzed activities in execution due to health guidelines, numerous difficulties, and problems were presented with emergency remote teaching (ERT) when put into practice. In this sense, the main proposal of the present study is to reflect on the abrupt changes that have occurred in the process of teaching History from the conditions imposed by Covid-19 in remote teaching, more specifically in the teaching history in public schools in my region. This article orders informal conversations and dialogues with professors that I had contact with during my time in the observatory internships, looking to analyze the strategies, methodologies, forms of evaluation, difficulties, and challenges, leading to reflections on the effects of the pandemic on remote teaching on history teaching.

Keywords: Emergency Remote Teaching. Teaching of History. Public schools.

¹ Graduanda do curso em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
E-mail: irysmarfelix@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O período de 2020/2021 foi marcado por imprevisibilidade e com imensos desafios para todos os âmbitos da sociedade, sobretudo a área educacional. Como consequência da pandemia da Covid19 iniciou-se um deslocamento do ambiente de aprendizagem da escola para a casa. Esse processo acabou transferindo responsabilidades, refez o espaço de estudo e modificou procedimentos de toda rede de ensino. Os impactos desta experiência histórica no desempenho das distintas aprendizagens de discentes da Educação Básica no Brasil, especialmente do ensino de História, durante o ciclo de distanciamento social e das aulas remotas, tornou-se um importante tema para análise no espaço acadêmico ou escolar. Neste sentido, a proposta central do presente trabalho é refletir sobre as mudanças abruptas ocorridas no processo de ensino de História (especificamente) a partir das condições impostas pela covid19 no ensino remoto, mais especificamente no ensino de história em escolas públicas da cidade de Igaracy-PB.

O que entendemos por Ensino Remoto que acontece de forma emergencial, refere-se a essa mudança do ensino presencial para o modelo de ensino à distância, transferindo todas as atividades de ensino ou para forma virtual, ou para outras formas – como as atividades escritas fora da escola -, evitando-se o máximo possível, contato presencial, devido às restrições de distanciamento social para conter a expansão do vírus.²

Embora a educação a distância (EAD), já fosse uma realidade para vários cursos, particularmente superiores, para o Ensino Básico, não havia nenhum tipo de ensino estruturado. em vista disso, todo processo de ensino aprendizagem teve que ser reformulado, e pensado a partir do contexto social ao qual fomos submetidos, impondo desafios tanto para professores como para os alunos.

Sendo assim, essa ideia veio de minha experiência como graduanda em licenciatura de História na Universidade Estadual da Paraíba, através dos estágios remotos observatórios, que realizei durante minha graduação nas escolas de ensino básico da minha cidade (Igaracy-PB). A partir desses estágios surgiu-me a inquietação de como se deu essa mudança tempo/espaço e metodológica para professores e alunos, analisando as mudanças que ocorreram no ensino de história durante a pandemia. O objetivo principal desta pesquisa foi perceber as ações adotadas e implementadas no ensino de história, em algumas escolas públicas, na Paraíba, às quais tive oportunidade de acessar, via professores, em meio a pandemia.

Para isso busquei investigar as estratégias de ensino que alguns professores adotaram para o desenvolvimento das práticas pedagógicas, assim como, identificar os novos desafios impostos pelo uso dessa modalidade remota, e verificar como os docentes estão avaliando os alunos que não têm acesso à internet e que estão sendo atendidos por meio de material físico/impresso.

Além disso, devido ao curto espaço de tempo em experiência de ensino nestas condições no Brasil, ainda os estudos/publicações sobre esse contexto socioeducacional

² Segundo Rondini, Pedro e Duarte (2020), apud, PAULA e COELHO (2021) afirmam que “Diferentemente da EaD, o ensino remoto emergencial não tem como intenção lançar mão de todos os recursos presentes na modalidade EaD. O ensino remoto é uma estruturação que visa somente dar continuidade às ações de ensino-aprendizagem que antes se davam de forma presencial. Portanto, não há uma estruturação preestabelecida para que esse processo aconteça, cada rede de ensino elaborou suas estratégias e gerou as diretrizes para o prosseguimento do ano letivo”.

pandêmico, até este momento, não são em grande quantidade. Abraçamos a matemática é preciso, principalmente quando se faz necessário refletir sobre as mudanças aceleradas, para compreendermos, por exemplo, quais os impactos desse processo ensino-aprendizagem e entendermos o que teremos quando voltarmos à "normalidade"? Como será a reaproximação dos alunos com a sala de aula?

Professores passaram a enfrentar problemas diários para dar suporte aos alunos para a continuidade de ensinar e aprender, nesse tempo caótico. O planejamento didático teve que ser refeito em tão curto prazo. Somando a morte de milhares de pessoas e contaminados nesse período, todos tiveram que aprender a lidar com as limitações sociais, culturais e técnicas. Desta forma, se faz preciso analisar e questionar as problemáticas que surgiram na educação, em especial no ensino de historiográfico, mesmo que ainda não tenhamos respostas para todas essas perguntas.

Assim sendo, as narrativas sobre as vivências de ensino neste período em que as aulas de História estavam acontecendo de forma virtual/remota "[...] pode reunir informações que auxiliem nas investigações acerca das conexões entre aprendizagens históricas escolares e o tempo das mudanças aceleradas no qual as crianças, jovens e adultos participantes se encontram". (NICOLINI e MEDEIROS, 2021, p. 290).

A pesquisa teve como aporte teórico Bittencourt (2004) e Fonseca (2003) que contribuíram para compreender a história do ensino de história; Ecco (2007) que possibilitou entender os desafios atuais do ensino de história; Ricoeur (2007) e Huyssen (2014) que buscam explicar a relação da memória e do esquecimento; Valle e Marcom (2020) oportunizou pensar a educação e seus entornos sobre esse contexto pandêmico da qual estamos passando. E entre outras fontes e sites que se relacionam e contribuem para essa pesquisa.

Para este trabalho utilizei da metodologia de pesquisa exploratória, que segundo Gil (2009) esse tipo de pesquisa tem como finalidade a aprimoração das ideias, investigações, e possibilita a aproximação com o objeto de estudo. Nesse sentido, estabeleci um diálogo com os professores a partir dos estágios de observação remota, e com alguns professores que eu já conhecia na minha cidade, buscando explorar esse tema de inquietação. Desta forma este trabalho desenvolveu-se a partir de conversas informais sobre as vivências do ensino remoto nas escolas, narradas pelos docentes.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: inicialmente faço um breve contexto sobre as mudanças no ensino de história que se caracterizam ao longo principalmente do último século, buscando perceber os antigos e novos desafios; a seguir apresento a minha metodologia de abordagem qualitativa e de cunho exploratória com os professores, os quais tive acesso por meio do estágio de observação remoto. E por fim, minhas análises e discussões apresentando as estratégias adotadas pelos professores no desenvolvimento do ensino, narrado; os principais e novos desafios impostos no período pandêmico; e como, a princípio, esses professores historiadores avaliam essa modalidade de ensino remoto que atende os alunos por meio virtual e de material físico impresso; entre outras perguntas contidas posteriormente.

2. AS MUDANÇAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Ao longo dos tempos, o ensino de História foi se transformando e adquirindo “novas roupagens” e propósitos, conforme o momento histórico em que se desenvolvia. Inicialmente, mais vinculado à Antiga Escola Primária do século XIX, segundo Bittencourt (2004), a partir da década de 70 deste século, ganhou maior importância:

Sua importância foi ampliada como conteúdo encarregado de vincular uma "história nacional" e como instrumento pedagógico significativo na constituição de uma "identidade nacional". Esse objetivo permeou o ensino de História para os alunos de "primeiras letras" e ainda está presente na organização curricular do século XXI (BITTENCOURT, 2004, p. 60).

É importante destacar que essa ideia de constituição de uma identidade nacional sob uma perspectiva tradicional através do ensino de história se efetivou sobretudo após a Proclamação da República em 1889. Sobre isso BITTENCOURT afirma:

Com a introdução do regime político republicano e do direito de voto para os alfabetizados, as políticas educacionais procuravam proporcionar a escolarização para um continente social mais amplo, e novos programas curriculares procuravam sedimentar uma identidade nacional, por meio da homogeneização da cultura escolar no que diz respeito à existência de um passado único na constituição da nação (BITTENCOURT, 2004, p. 64).

Os principais conteúdos de História do Brasil, por exemplo, tinham como propósito a formação do patriotismo brasileiro, reverenciando seus heróis e seus símbolos históricos, deixando a marca de uma abordagem tradicionalista (História tradicional positivista) que limitava o conhecimento do aluno aos grandes feitos heroicos e as grandes eventualidades das histórias políticas. Segundo FONSECA (2003):

[...] Os sujeitos da história tradicional são as grandes personalidades políticas, religiosas e militares. São os reis, líderes religiosos, generais e grandes empresários. São atores individuais, heróis que geralmente aparece como construtores da história, assim a história tradicional estuda os grandes acontecimentos diplomáticos, políticos e religiosos do passado. Privilegia o estudo dos fatos passados que são apresentados numa sequência linear e progressiva. (FONSECA, 2003, p. 41)

A chegada do século XX não trouxe, inicialmente, muitas alterações do ponto de vista das concepções e propostas para o ensino histórico nas escolas brasileiras. “A história ainda deveria ser tratada de forma objetiva e com base nos documentos”. (FONSECA, 2003, p. 41).

Em meados da década de 1970 ainda não havia mudanças nos objetivos e conteúdos; prosseguiram empenhando-se na busca de uma identidade nacional a ser ensinada. E assim sucederam-se às décadas de 80 e 90 dando continuidade a estas reconstruções curriculares, inclusive para o ensino de história.

Esse momento – década de 90 -, foi marcado por um processo de redemocratização do país e, conseqüentemente, refletiu em propostas em torno desta

disciplina, isto é, na escola emergiam novos conceitos e adaptações à nova realidade político-social brasileira, esforçando-se em atender os anseios das camadas populares e grupos democratizantes. Além disso, as novas reformulações curriculares buscavam recolocar professores e alunos como produtores do conhecimento histórico e sujeitos da história, combatendo a forma tradicional ensinada na maioria das escolas brasileiras, que tinham o professor como transmissor e o aluno como mero receptor passivo do conhecimento.

Ainda sobre as últimas décadas do século XX, Fonseca (2003) argumenta que houve um ampliação em relação aos objetos de estudo, dos problemas, dos temas, das fontes históricas utilizadas na sala de aula, e desta forma foi possível aprender uma nova concepção historiográfica. A chamada Escola dos Annales que se desenvolveu na França na década de 30, teve grande influência em nossos saberes historiográficos e, posteriormente, no ensino de História, e representou uma importante mudança em abordagens e metodologias. Se antes prevalecia os estudos relacionados aos grandes feitos heroicos de caráter nacionalista, utilizando como fontes de estudos os documentos oficiais produzidos pelas elites, essa nova concepção historiográfica ampliou "as fontes de estudo, passando a utilizar também as fontes orais (entrevistas, depoimentos, narrativas)" (FONSECA, 2003. p. 41). Os PCN de 1989, por exemplo, representa uma proposta para o ensino de história nesta perspectiva nova, uma vez que eles adotam uma postura voltada para o sujeito, o aluno em si, aprimorando habilidades e competências de acordo com sua realidade sociocultural e cotidiana.

Embora as escolas fossem, aos poucos, buscando compreender e adotar os novos parâmetros curriculares e temas mais relevantes para os alunos, ainda assim, existia uma série de readaptações e obstáculos para que esses parâmetros se efetivassem. Pois, um ensino centralizado na memorização passiva de datas e feitos heróicos não se modifica rapidamente, e assim, não se efetua um ensino significativo que atende aos objetivos de professores envolvidos com o ensino aprendizagem. Por essa razão e outros motivos, Circe Bittencourt afirma:

As propostas de renovação dos métodos de ensino pelos atuais currículos organizam-se em torno de dois pressupostos. Um pressuposto básico e fundamental é a articulação entre método e conteúdo. O segundo pressuposto é que os atuais métodos de ensino têm de se articular as novas metodologias para que a escola possa se identificar com as novas gerações, pertencentes a "cultura das mídias". (BITTENCOURT, 2004, p. 106-7)

É notório portanto, que mesmo antes da pandemia, desafios já estavam postos, desde as questões mais de abordagem e metodologia, até a questão de informatização, outra questão importante. É evidente também, que ainda no século XXI, haja uma necessidade de adaptação às novas tecnologias, isso porque ainda há uma exclusão digital, ou seja, muitos alunos e professores desconhecem até mesmo noções básicas de informática. Pelo Brasil afora existem escolas sonhando com a inserção no mundo digital, com laboratórios, salas de informática, uma realidade distante de muitas escolas públicas brasileiras. Por isso, as reformulações curriculares ainda precisam ser efetivadas.

É importante destacar que mesmo com as renovações propostas nos currículos, ainda prepondera, em muitas instituições, um ensino voltado a criação de uma ideia nacionalista, um ensino que ainda mantém a memorização de fatos e datas, um ensino que privilegia as classes dominantes, que segue uma linearidade. Que abstém os alunos de conteúdos próximos a realidade deles. Segundo Ecco, é notório que ainda no espaço escolar haja:

[...] O hábito arraigado entre os professores, no ato de planejamento e elaboração de programas de estudo, utilizarem-se da cronologia tradicional, tendo preocupação demasiada como aspecto conteudista. Em decorrência, tanto alunos quanto professores, praticamente, não chegam a estudar situações históricas atuais, reais e próximas às vivências de ambos. (ECCO, 2007, p. 126)

Tendo em vista que as metas propostas pelas reformulações curriculares, ainda estão sendo alcançadas, é importante ressaltar que há inúmeras brechas a serem fechadas, e progressos a serem feitos para que as novas metodologias e objetivos para um ensino mais significativo aconteça. Isto porque há uma dissociação entre o que é proposto e o que é realizado, ou seja, há um desequilíbrio entre teoria e prática. O novo ensino de história propõe a cooperação direta dos professores na reconstrução do conhecimento e no desenvolvimento da criticidade. Um caminho para isso são os instrumentos teóricos-metodológicos que tem como objetivo direcionar a ação educativa no Brasil desde o início da alfabetização, até o nível superior.

Percebe-se portanto que, há muito tempo o Brasil já vinha enfrentando uma situação crítica associada ao ensino de história nas escolas brasileiras, e ainda tem muitos desafios a serem enfrentados na atualidade, entre eles, refletir o ensino e o significado de estudar história, e como educandos, cabe ao professor, nas palavras de Ecco "[...] em conjunto com seus alunos, resgatar, na educação formal escolar, o potencial transformador do ensino de história, bem como desenvolver estratégias que envolvam a ambos: ensino, educandos, educador e suas especificidades" (ECCO, 2007, p. 132).

Como professores e Historiadores há inúmeras possibilidades de repensar o passado, reavaliar essas versões (tidas como verdade absoluta) e assim legitimá-las ou contrariá-las. Por isso é importante dar ênfase às formas como os alunos elaboram ideias sobre como, porque, ocorreu um dado passado. Desse modo os alunos e alunas, constroem noções de significância, explicação e evidências. Enquanto professores e Historiadores ainda há um longo caminho a ser percorrido, para que os objetivos almejados para essa área sejam alcançados.

A partir dessa brevíssima retrospectiva sobre desafios existentes no ensino de história, é possível buscar saber sobre como esses desafios foram enfrentados na pandemia, perante os novos desafios, como o difícil acesso a recursos tecnológicos, ou ainda, se a construção do conhecimento significativo, “não decoreba”, ou não tradicional que já tinha obstáculos, ficou o ensino de História agora? Essas questões foram, de alguma forma, colocadas para os professores com quem conversei a respeito, e que contribuíram para essa reflexão.

3. METODOLOGIA

A busca por respostas a minha inquietação sobre os efeitos da pandemia no processo de ensino de história exigiu um trabalho de pesquisa exploratória qualitativa. Utilizei a abordagem de cunho qualitativa, que de acordo com Oliveira (2007, p. 60) esse tipo de pesquisa pode ser caracterizada como "um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade". Sendo assim, a pesquisa qualitativa ajuda a conhecer o problema e nos aproxima do objeto de estudo, considerando mais a avaliação dos dados conseguidos (forma exploratória) do que o uso de meios estatísticos, visando assim a qualidade da informação e não a quantidade.

A pesquisa desenvolvida neste trabalho é também do tipo pesquisa exploratória (Gil, 2009), já que, quando por exemplo, converso, mesmo que informalmente com os professores, com a finalidade de me proporcionar maior familiaridade com o problema estudado, ou seja, isso contribui para aproximar o pesquisador do problema.

Assim como também utilizei a “história oral” como uma metodologia de pesquisa, pois a mesma consiste em coletar depoimentos de pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, e outros aspectos da história contemporânea. Assim segundo Thompson a “história oral” “[...] é a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências.” (2002, p. 9). Recuperando o vivido, a memória.

Inicialmente, foi elaborado um questionário cujo modelo está em apêndice, mas que não pôde ser utilizado por uma questão de procedimentos burocráticos³ inviabilizados pelo pouco tempo disponível para a finalização desse trabalho, mas o qual foi norteador para a minha pesquisa exploratória. Consultando informalmente alguns professores de história de escolas básicas da cidade de Igaracy-PB, consegui obter informações importantes para os questionamentos levantados por esse trabalho. Tais informações podem, futuramente, serem confirmadas por meio de entrevistas formais e de maneira mais sistematizadas!

Os sujeitos participantes da pesquisa lecionam na cidade de Igaracy-PB, em escolas públicas, sendo três mulheres e dois homens. Dois deles são professores do Ensino Médio, e três do Ensino fundamental II. Dos quais eu nomeio: A1; A2; A3; A4; A5.

Busquei saber, por exemplo, se esses professores receberam suporte pedagógico, assim como também, se todos os alunos tinham acesso às ferramentas digitais, e como, por exemplo, os professores estavam avaliando a relação dos alunos que estão sendo atendidos por meio de material físico/impresso. Além disso, procurei identificar quais os principais e novos desafios impostos no período pandêmico. Quais as estratégias encontradas para o desenvolvimento do Ensino de história. E para finalizar, como os professores avaliam o ensino aprendizagem dos alunos e alunas nesse contexto.

Com o objetivo de compreender o desenvolvimento de aulas remotas no período de 2020/2021, do Ensino Fundamental e Médio, coletei ao longo de meus estágios observação informações que foram analisadas, e elaboradas as possíveis percepções acerca daquilo que consegui observar/conversar.

4. RESULTADOS e DISCUSSÕES

Huyssen (2014) e Ricoeur (2007) apontam que a memória e o esquecimento são fenômenos que sucedem ao mesmo tempo, testando a própria historiografia a lidar com esses dois movimentos simultâneos no tempo. Sendo assim, o ensino de História no seu modelo virtual e distante do seu ambiente físico escolar, nos põe diante deste contratempo. Nesse contexto, registrar as vivências do tempo presente, para que futuramente possamos avaliar os desdobramentos, as rachaduras e a ressignificação dessa experiência histórica, se faz fundamental.

³De acordo com a Resolução N 510, de 07 de Abril de 2016, esse questionário teria que passar pelo CEP (Conselho de Ética em Pesquisa) antes de ser divulgado. A submissão ao CEP pressupõe um calendário que não pudemos cumprir.

Nesse sentido, cabe evidenciar a importância das narrativas dos professores do ensino Básico nas escolas com as quais tive oportunidade de conversar, sobre estas mudanças do presente. Em minhas observações/conversas com os professores que estavam dando aulas acontecendo de maneira remota, híbrida ou presencial, no período de 2020/2021. Obtive as seguintes informações:

Os professores A1, A3, A4, A5 informaram que adotaram o modelo remoto, já o docente A2 relatou que foram adotadas aulas híbridas na escola em que ele leciona. A Partir disso, pude averiguar que dos cinco professores com quem dialoguei, quatro deles deram aulas de forma remota, e somente o professor A2 deu aulas no formato híbrido. Percebe-se então que, cada cidade/escola adotou modelos de ensino remoto, presencial ou híbrido de acordo com as condições estabelecidas nos seus municípios, sejam elas pela prefeitura, ou pela instituição. Isso pode representar as dificuldades básicas para essa forçosa transferência da escola para casa.

Também consegui questioná-los se tinham recebido algum suporte pedagógico da escola em que eles trabalham, e todos responderam que "Sim". Ao analisar as falas dos professores, é visível o apoio pedagógico da supervisão e coordenação unido a instituição para avivar os professores a assegurar o ensino remoto de forma a abarcar todos os estudantes no processo de ensino-aprendizagem, seja por recursos digitais ou materiais impressos. Apesar das dificuldades houve sim um empenho de professores e coordenadores no desempenho das aulas remotas.

Os professores também foram questionados se todos os alunos tinham acesso às ferramentas digitais utilizadas nas aulas de História; dentro dos cinco professores, três deles responderam que "a maioria" teve acesso às ferramentas, e dois professores responderam que "Não", que nem todos os alunos tiveram acesso a internet. E para aqueles estudantes que não tiveram acesso, foram disponibilizados materiais impressos. A professora A1 informou que a maioria teve acesso, sem informar as ferramentas. O professor A2 constatou que na escola em que ele trabalha a maioria dos alunos tinha acesso às ferramentas, entre elas, internet, smartphone e plataformas digitais. O professor A3 informou que "Não", que nem todos tiveram acesso, porém também não informou às ferramentas que os estudantes tiveram acesso. O docente A4 relatou que a maioria de seus alunos teve acesso às ferramentas, e os que não tinham acesso, faziam atividades físicas/impressas. Já a professora A5 informou que nem todos os seus alunos tinham acesso, e os que tinham acessaram o Google meet, Google Classroom, whatsapp, kahoot e Wordwall.

Pude certificar, em relação aos recursos didáticos, que as plataformas digitais foram as principais citadas, percebendo que esses instrumentos foram oferecidos para apoiar as escolas e os professores no andamento do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, também ficou evidente que alguns alunos não possuem aparelho celular, ou contato com a internet para comparecer às aulas virtuais. E quando possuem, não têm acesso de internet suficiente para conectar com as plataformas. Dessa forma, o contato com o ensino de História é realizado por meio de atividades impressas e plataformas digitais. E de acordo com o desempenho dos alunos pode inserir novas ferramentas e excluir outras, tudo vai depender do andamento e acesso. Pode-se dizer que para estes, sem a possibilidade de participar das aulas online, de logar sites, de dialogar com professores e com os colegas, a aprendizagem fica atrelada somente à linguagem escrita, limitando ou até atrapalhando o processo ensino-aprendizagem.

Diante do contexto atual, os professores se possibilitaram amoldar-se ao uso dos recursos tecnológicos como ferramentas para ampliar as aulas remotas, pois, não é fácil atender as carências de todos os alunos diante desta conjuntura; o docente não planeja as

aulas pensando somente nos alunos, mas também nas famílias que vão ser os mediadores no cumprimento das atividades. São inúmeros os desafios enfrentados pelos professores e alunos, porém, é indispensável que o educador reflita, que seja ajustável com os horários de acompanhamento, e não fazer exclusão daqueles que já se sentem excluídos, menos preparados do que os seus colegas por não poderem participar das aulas online. Da mesma maneira que, replaneja, ajusta os materiais para os alunos sem acesso à rede, sem equipamentos eletrônicos para atender as necessidades.

É nítido que as dificuldades de acesso à rede e a computadores são vistas como uma das razões para a falta de participação online de alunos nas atividades em 2020/2021. Pensando por esse lado, os professores foram perguntados como eles avaliam essa modalidade de ensino em relação aos alunos que estão sendo atendidos por meio de material físico/impresso: e entre os cinco participantes do estudo, três deles relataram que essa modalidade de ensino se encontra dentro do previsto, e os outros dois relataram que não é uma modalidade satisfatória. Segundo eles, isso se dá em função do fato dos professores não terem contato com os alunos (mesmo que seja de forma online), não saber como está se desenvolvendo o ensino aprendizagem. Diante do contexto em que se encontra o aluno sem condições de acesso à internet, é fundamental o recebimento do material impresso, mas é indispensável a explicação do professor para a absorção do conteúdo; posto isso, os estudantes sem acesso aos instrumentos tecnológicos ficam inacessíveis a interação online, de leituras e compartilhamentos, de explicações, dinâmicas e incentivos para produzir uma aprendizagem significativa.

Levando em consideração que já havia tantas adversidades enfrentadas pelos professores de história nas escolas, os docentes participantes desta pesquisa foram perguntados sobre quais os novos desafios impostos no período pandêmico. As informações foram:

Professor A1: Segurar o aluno em sala de aula on-line e incentivá-lo na aprendizagem.

Professor A2: Dominar ferramentas digitais, utilizar-se de gameficações e envolver alunos em aulas remotas.

Professor A3⁴: O desafio hoje está na aprendizagem do aluno, pois está sendo muito difícil esta retomada a sala, uma parte dos alunos parece que perderam a vontade de estudar, principalmente os que não participavam das aulas remotas. Agora é estudar estratégias para aprimorar o aprendizado

Professor A4: Desenvolver no aluno um senso crítico que acredito ter bem mais eficácia presencial.

Professor A5: Os desafios foram inúmeros, tivemos que aprender a usar diversos aplicativos, pesquisar sobre ferramentas digitais e criar estratégias metodológicas para inserir as mesmas em nossa rotina de aulas remotas. Mas acredito que o maior desafio foi fazer com que o aluno pudesse interagir na aula e aprender, sobre o conteúdo dado.

Ao analisar as narrativas dos professores, pude perceber que eles não estavam preparados para o ensino remoto. Percebe-se que os desafios foram e são inúmeros e que dão existência ao agravamento de desafios que já vinham se desenvolvendo antes mesmo da Pandemia. Desde a adaptação do professor e do aluno a questão do acesso digital, até a continuar a tentar fazer da história um ensino significativo. Destaco também a distinção

⁴ Quando tive oportunidade de conversar online com essa professora, ela já estava em fase de processo de retomada das aulas presenciais.

social e econômica e a exclusão que caracteriza profundamente a educação no Brasil. O "distanciamento social" é visto como uma medida de proteção contra o coronavírus, mas também como uma fenda entre os diferentes grupos sociais que, além de enfrentarem os efeitos da pandemia, externam conjunturas distintas de combate das suas mazelas. Por esse ângulo, a pandemia também mostrou a fragilidade de alguns corpos.

Além das dificuldades tecnológicas e metodológicas para dar continuidade ao ensino de História nas escolas, foi preciso refletir estratégias para introduzir relatos que incorporassem novos deveres com a consciência dos efeitos sociais do vírus. Na medida em que sucedia a propagação do coronavírus, os conceitos dos conteúdos preparados para o ensino de história foram também tomando novas proporções. Diante dos refinamentos de tempo e conjunções de ensino, os docentes tiveram que optar pelo o que era mais relevante. A realidade exigiu dos docentes uma tomada de decisão sobre o que e como ensinar por meio dos programas digitais e das retenções impostas pela realidade social de cada sujeito.

Em virtude disso, em diálogo com os professores pedi que citassem algumas estratégias adotadas para o desenvolvimento do ensino de História. Obtive as seguintes ideias:

Professor A1: Muitas vídeos aulas, dinâmicas de jogos com os temas abordados, seminário online.

Professor A2: Uso de ferramentas digitais que dinamizam a apresentação e interação com temáticas históricas, como: nuvem de palavras, Google forms, gamificações e construção de Padlet⁵.

Professor A3: Aula explicativa e expositiva, dinâmica, filmes, pesquisas, jogos.

Professor A4: Revisão dos assuntos cruciais para o entendimento dos assuntos atuais e a comparação do momento atual, tanto do governo no Brasil, como a guerra na Ucrânia.

Professor A5: Durante as aulas remotas de história uma das estratégias usadas para tornar mais atrativo o conteúdo e obter a interação dos alunos foi a utilização de Quiz e gincanas online. Portanto, ao terminar um conteúdo elaborava um Quiz a partir da ferramenta Kahoot⁶ os alunos tentavam responder as questões ao final do jogo o aplicativo dava o número de acertos e a colocação dos alunos.

Como já esperado, as estratégias educacionais usufruíram da tecnologia da comunicação como intermediário entre alunos e professores. Os conteúdos foram ajustados para o modelo digital, em seminários online, jogos, Quiz, e entre outros citados acima, e foram desenvolvidos pelos próprios professores. Pude perceber também, que as redes sociais foram uma das ferramentas utilizadas para a comunicação entre professor/aluno, certamente por ser uma ferramenta já utilizada por ambos e que não necessita aprender a acessar. Houve também um grande destaque para as plataformas online (Google forms, Google Classroom), ou seja, os espaços virtuais de estudo. A grande vantagem dessas plataformas são as funções próprias para avaliação, entrega de atividades e gerenciamento de acesso, o que não acontece nas redes sociais. Contudo, requerem que os docentes e estudantes aprendam a usufruir da mesma. E sabemos que não é um processo muito fácil, exige tempo e prática, porém "[...] Desafiar

⁵ É uma ferramenta que permite criar quadros, organizar a rotina de estudo ou de trabalho. Além disso pode criar cronogramas, que pode ser compartilhado com outras pessoas, permite também visualizar as tarefas em equipe.

⁶ É uma das plataformas que auxiliam na criação de jogos e quizzes e também otimiza a rotina dos profissionais da educação.

constantemente é uma das características do ato de educar; do contrário, contribui-se para o obscurantismo, para o "silenciar" de consciências" (ECCO, 2007, p. 129).

E por último, indaguei os professores como eles estão avaliando a aprendizagem dos alunos e alunas nessas aulas remotas. Obtive as seguintes informações:

Professor A1: Através da participação, assiduidades e debates.

Professor A2: De forma contínua, por meio de participações e realizações de atividades (remotas ou impressas).

Professor A3: Neste momento está sendo aplicado teste para saber o conhecimento de cada um, para em seguida tentar buscar soluções para facilitar o trabalho do professor, para o mesmo desenvolver estratégias adequadas na sua aula, no momento está sendo teórica e prática.

Professor A4: Atividades contínuas que leve o alunado voltar a compreender as novas mudanças herdadas do momento que estamos passando.

Professor A5: A avaliação dos discentes aconteceu a partir da participação, engajamento e realização das atividades online/impressa.

Ao analisar as falas dos professores, constatei que estão avaliando os seus alunos por meio de atividades contínuas, participações na aula, debates, atividades online/impressas, e também nas aulas teóricas e práticas. É nítido, que é um desafio para o docente avaliar seus alunos nessa circunstância de ensino remoto, sem ter o contato "olho a olho", sem ter o acompanhamento do processo de desenvolvimento. Tanto a LDB quanto a BNCC indicam princípios de qualificação cuja finalidade não é aferir a "quantidade de assuntos adquiridos", mas sim analisar o trajeto dos estudantes na evolução de habilidades e competências. Segundo a informação da professora A3 é importante a aplicação de testes para averiguar a aprendizagem de cada aluno, para posteriormente buscar métodos, soluções e estratégias adequadas para a sala de aula (mesmo que seja de forma virtual). E é esse o foco do ensinamento que deve conduzir as aulas de História e o processo de avaliação, sobretudo nesse momento. Analisar o crescimento dos estudantes, observar seus impasses e inserir novas práticas para que se desenvolvam e aprendam.

A narrativa do professor A4 também me chamou atenção, pois, "muitas vezes os professores e alunos, não chegam a estudar situações históricas atuais, reais e próximas às vivências de ambos" (ECCO, 2007, p. 126). O autor, nos mostra a importância do aprender, conhecer, de escolher os instrumentos metodológicos, para que assim os conhecimentos possam fazer a transformação na vida dos estudantes relacionando com a vivência real. Não obstante, nessa vivência remota, movida aos meios tecnológicos, o professor deve ter cuidado para que as tecnologias não assumam o papel de professor, mediador do conhecimento, não sejam apenas adornos pedagógicos de seu ofício. Em outras palavras:

[...] uma aula pode ser extremamente conservadora e ultrapassada contando com todos os mais modernos meios audiovisuais. Uma aula pode ser muito dinâmica e inovadora utilizando giz, professor e aluno. E outras palavras, podemos utilizar meios novos, mas é a própria concepção de história que deve ser repensada. O recorte que o professor faz é uma opção política. (KARNAL, 2003, apud ECCO, 2007, p. 128).

E por fim, refletir o atual cenário no qual se encontram os professores, cheio de incertezas, vulnerabilidades, e insurgências no processo de ensino aprendizagem, requer um longo debate acerca do mesmo, pois, vai além, se fragmenta em questões mais

extensivas, abrangentes no ambiente educacional, que asseguradamente "[...] tem potencializado a necessidade da presença do professor que ao ser chamado a “dar conta” de ensinar neste cenário, reinventaram-se em curto espaço de tempo tornando-se protagonistas de um processo que terá novos desdobramentos no “novo normal”. (VALLE e MARCOM, 2020, p. 147).

Tendo em vista que foi uma medida emergencial tomada para prevenção da propagação do vírus da COVID19. Valle e Marcom (2020, p. 142) afirmam que:

Para pensar a educação e seus entornos sob essa nova ótica, faz-se necessário sair de nossas ilhas e fazer uma análise epistemológica mais ampla e aprofundada sobre o contexto atual em que está inserida a educação, buscando compreender os principais desafios que se apresentam, e a partir deles, delinear caminhos a serem percorridos na tentativa de (re)repensar o fazer pedagógico, bem como todas as relações e limitações que compõem esta dinâmica, pois, conforme o modelo de sociedade e de ser humano que queremos ajudar a formar, nos serão atribuídos diferentes papéis.

Assim, pode-se considerar essa pesquisa como uma contribuição para essas observações acima indicadas pelos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se vê, a pandemia da COVID-19 modificou todo ambiente de trabalho e o desempenho de muitas instituições sejam elas do ensino básico ao ensino superior. Desencadeando inúmeros desafios, entre eles, a forma como se aprende e se ensina o conteúdo de história, o vínculo entre professor/aluno, e sobretudo, o ensino aprendizagem. Todas as dificuldades evidenciadas nas falas dos professores aqui indagados, corroboram para a conclusão de que os antigos desafios do ensino de história, principalmente no que se refere ao conhecimento significativo, ficaram ainda mais deficitários. Percebendo assim que o Brasil não estava hábil para a pandemia e para os seus impactos na educação.

Além disso, o presente trabalho possibilitou enxergar as problemáticas que foram fortemente agravadas com a pandemia e com os processos de enfrentamento desempenhadas pelo Governo Federal, acentuo aqui, a substituição repentina do ensino presencial para o virtual, que agravou problemas já presentes no âmbito do trabalho docente, principalmente àqueles associados à saúde do professor. O docente passou a enfrentar imposições ainda maiores pela instituição, como também sofrer com o excesso de trabalho, bem mais do que já se realizava antes da pandemia do coronavírus, já não se separava a vida pessoal da vida profissional, despertando insatisfações psicológicas por não perceber se suas técnicas de ensino estão produzindo efeito para um ensino significativo e crítico do saber histórico.

Outra problemática constatada ao longo desse diálogo informal com os professores de história os quais tive acesso por meio dos estágios observação, que as táticas de ensino remoto utilizadas nas circunstâncias provocadas pela pandemia, se deu através dos esforços dos professores instigados pelo comprometimento com a educação dos discentes, principalmente, daqueles que buscam na educação uma melhoria de vida. No entanto, muitos alunos ficaram impossibilitados de participar das aulas online, em especial, os estudantes das zonas rurais, da rede pública, ou seja, nessa área, a realidade de vida diversas, como foi averiguado no presente trabalho, muitos não tem acesso à internet ou

não possuem aparelhos celulares, sendo assim, o ensino aprendizagem pelas plataformas digitais ficam inacessíveis para essa classe menos favorecida, e a assistência pedagógica torna-se deficitário para atender os anseios e obter melhores condições de aprendizagens, pois estes não recebem retorno às suas dúvidas/perguntas, ficam de fora dos diálogos e das aulas online.

Esse quadro de exclusão poderia ser reduzido com políticas sociais mais pertinentes, por exemplo, direito de acesso à internet gratuita e oportunidade para obtenção de ferramentas eletrônicas (computador, celular), disponível para as comunidades mais carentes, em áreas do interior do Brasil.

Percebe-se ao longo do artigo, entre os professores a urgência de repensar a suas práticas pedagógicas de ensino, cotidianamente, visando atender as carências postas pelo cenário pandêmico, exigindo cada vez mais práticas de ensino aprendizagem modernas. Neste sentido, buscar potencializar metodologias de ensino cabíveis a este momento, tornou-se hábito na vida profissional desses professores, em especial de história, como citado acima pelos docentes, foi preciso buscar novas aprendizagens na área tecnológica para criar sites, utilizar plataformas, gravar vídeo aula, e entre outras, para assim desenvolver um ensino significativo nas aulas online de história, e chegar o conhecimento até as residências dos discentes.

Concluo que, essa troca de experiência, de diálogo, de saberes, foi de suma importância para minha futura vida profissional, me possibilitou não só repensar os desafios eminentes como professora/historiadora, mas também conhecer as múltiplas realidades que nos cerca, refletindo nossas ações no espaço do ensino de história. Neste sentido, o diálogo com os sujeitos (professores) que estão vivenciando esse momento, nunca se fez tão preciso, em uma situação da qual a pandemia evidencia as profundas “mazelas” de uma sociedade profana marcada pela desigualdade. Como afirmam Nicolini e Medeiros (2021) “[...] Só é possível ensinar história se possibilitarmos essas pontes sobre os fossos que nos separam e que tendem a aumentar durante conjunturas de agravamento das desigualdades, como vem ocorrendo desde a expansão do novo coronavírus pelo mundo.” (2021, p. 295).

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales, 1919-1989**. A Revolução Francesa da Historiografia. UNESP. São Paulo, 1991.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Resolução Nº 510. Distrito Federal, 24 maio 2016. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581. Acesso em: 18 de mar. 2022.

ECCO, Idanir. **O ensino de história: evidências e tendências atuais**, Revista Ciências Humanas: Frederico Westphalen, v. 8, n. 10, p. 123-141, jun. 2007. Disponível em: <revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/download/306/569>. Acesso em: 10 de mar. 2022.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, São Paulo: Papiros, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009.

HUYSSSEN, A. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

NICOLINI, Cristiano; MEDEIROS, Kênia Érica Gusmão. **APRENDIZAGEM HISTÓRICA EM TEMPOS DE PANDEMIA**. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), [S.L.], v. 34, n. 73, p. 281-298, ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/y8vR5W3t6YRvnRk4fWdM54y/>. Acesso em: 10 de mar. 2022.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PAULA, Laís Santos de; COELHO, Vanessa Canuto. **Ensino de História em tempos de crise: a pandemia e o convite à essencialização da História na aprendizagem escolar**. Revista Educação Pública, v. 21, nº 38, 19 de outubro de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/38/ensino-de-historia-em-tempos-de-crise-a-pandemia-e-o-convite-a-essencializacao-da-historia-na-aprendizagem-escolar/>. Último acesso em: 15 de mar.2022.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

THOMPSON, Paul. **História oral e contemporaneidade**. História Oral, [S.L.], v. 5, p. 9-28, 24 jul. 2009. História Oral. <http://dx.doi.org/10.51880/ho.v5i0.47>. Último acesso em: 29 de mar. 2022.

VALLE, Paulo Dalla; MARCOM, Jacinta Lucia Rizzi. **Desafios da prática pedagógica e as competências para ensinar em tempos de pandemia**. In: PALÚ, J.; SCHÜTZ, J. A.; MAYER, L. (Orgs.). Desafios da educação em tempos de pandemia. Cruz Alta: Ilustração, 2020. p. 139-153.

APÊNDICE

Questionário

1. Na Escola em que você trabalha, qual o modelo de aula foi adotado no período de 2020/2021:

- Aula Remota
- Aulas Híbridas
- Aula Presencial
- Mais de uma opção

Caso sua resposta seja mais de uma opção, quais são elas?

2. Recebeu suporte pedagógico da escola em que trabalha:

- Sim
- Não

3. Todos os alunos tem acesso às ferramentas digitais utilizadas no desenvolvimento das aulas:

- Sim
- Não
- A maioria

Se SIM, quais ferramentas?

4. Em relação aos alunos que estão sendo atendidos por meio de material físico/impresso, por não possuírem acesso à internet, como você avalia essa modalidade:

- Satisfatória
- Dentro do previsto
- Não satisfatória
- não há alunos atendidos dessa forma

5. Diante de tantas adversidades já enfrentadas pelos professores de História nas escolas, no seu ponto de vista, quais os principais novos desafios impostos no período pandêmico?

6. Indique estratégias adotadas para o desenvolvimento do ensino de História nesse momento:

7. Como você está avaliando a aprendizagens dos alunos e alunas nesse contexto?

Fonte: autoral

P.S. Estas questões foram norteadoras para minhas conversas e para a minha análise tendo como perspectiva os objetivos aqui propostos.